



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**“O gênero é fundamental para o desenvolvimento sustentável”: reflexões sobre a
operação de dispositivos em programas globais e seus efeitos para a Educação
Ambiental¹**

Dárcia Amaro Ávila²
Paula Regina Costa Ribeiro³
Paula Corrêa Henning⁴

Resumo: Apresentamos no presente ensaio de análise algumas reflexões sobre a discursividade da categoria gênero no âmbito de programas globais como, por exemplo, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e União Internacional de Conservação da Natureza - UICN. Inspiradas nas teorizações de Michel Foucault e nos estudos de gênero e feministas, estabelecemos algumas articulações com a Educação Ambiental. Por esse viés, destacamos a operação do gênero como dispositivo que, articulado aos dispositivos da Sustentabilidade e da Educação Ambiental, procura gerir a população para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Nessa perspectiva, a partir dos dispositivos percebemos a possibilidade de outras formas de entender a Educação Ambiental na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Gênero. Dispositivo.

**“The gender is fundamental to the sustainable development”: reflexions over the
operations of devices in global programs and their effects on Environmental
Education**

Abstract: We present in this analysis test some reflexions over the discursivity of the gender category in the scope of global programs, such as the United Nations Development Programme - UNDP and the International Union for Conservation of Nature - IUCN. Inspired in the

¹ Parte das discussões presentes no artigo foi abordada no VII Encontro e diálogos com a Educação Ambiental promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

² Doutoranda em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG/Brasil. E-mail: darcia.avila@furg.br.

³ Professora doutora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/Brasil. pribeiro.furg@gmail.com

⁴ Professora doutora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG/Brasil. paula.c.henning@gmail.com

theorizations of Michel Foucault and in feminist and gender studies, we established some articulations with Environmental Education. This way, we highlight the operation of gender as a device that, articulated with the devices of Sustainability and Environmental Education, looks to manage the population in order to achieve sustainable development. In this perspective, from the devices, we understand the possibility of other ways to understand the Environmental Education in the contemporaneity.

Key-words: Environmental Education. Gender. Device.

Notas iniciais

Contemporaneamente vivemos o que alguns/algumas autores/as afirmam ser uma crise ambiental, na qual colapso, escassez, risco, impactos, destruição e caos são palavras comumente utilizadas nas mídias e em diferentes artefatos como referência ao meio ambiente e à natureza. Podemos dizer, com isso, que vivenciamos um *boom* ecológico, uma explosão discursiva nas palavras de Mauro Grun (1995).

Nesse contexto discursivo, emergem ações governamentais e não governamentais a fim de controlar a crise; como marca da atual sociedade, o controle passa a ser desempenhado na tentativa de salvar o planeta para a presente e as futuras gerações. Nessa direção, vemos emergir projetos de programas globais, tais como: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e União Internacional de Conservação da Natureza - UICN, para citar alguns.

Em cada um dos programas vemos emergir discursos sobre o gênero⁵ como meta para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Essa discursividade nos inquietou e nos mobilizou a problematizar: como as questões de gênero estão articuladas ao desenvolvimento sustentável? Um conceito colocado em disputa frente às implicações políticas, econômicas e ambientais contemporâneas.

Assim, utilizamos das contribuições dos estudos de gênero e feministas, como também de estudos foucaultianos, para compreender em que medida o desenvolvimento sustentável mobiliza certos dispositivos, entre eles: dispositivo da Sustentabilidade, dispositivo da Educação Ambiental e dispositivo de Gênero. Frente a essas considerações, propomos neste texto uma reflexão sobre esses dispositivos nos programas globais e seus efeitos para pensar a Educação Ambiental (EA).

⁵ Gênero como uma categoria é defendido por Joan Scott (1995) como importante ferramenta de análise histórica sobre as relações de poder que envolvem mulheres e homens.

Sobre desenvolvimento sustentável, dispositivos, gênero e Educação Ambiental

O desenvolvimento sustentável se apresenta na atualidade como uma palavra de ordem nas políticas e programas ambientais. Em suas tramas vemos emergir enunciações que integram o gênero como fundamental para o alcance dessa meta e melhoria do planeta. Nessa direção, o que propicia a proliferação de gênero no desenvolvimento sustentável?

Inquietadas com essas questões, estabelecemos articulações com as ferramentas teórico-metodológicas de um dos autores que atravessa nossos estudos, Michel Foucault. Segundo Gilles Deleuze “Quando as pessoas seguem Foucault, quando têm paixão por ele, é porque tem algo a fazer com ele, em seu próprio trabalho, na sua existência autônoma” (DELEUZE, 2006, p. 108). Acolhendo essa ideia, estudiosos/as do campo da Educação Ambiental têm realizado pesquisas utilizando alguns conceitos foucaultianos, tais como: pensar a construção de enunciados ambientais no currículo (OLIVEIRA, 2005); a invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente (GUIMARÃES, 2010); a emergência da EA como campo científico (REIGOTA, 2012), a EA como um dispositivo (GARRÉ, 2015); a crise ambiental em evidência (VIEIRA; HENNING, 2016); a EA nos atravessamentos midiáticos (HENNING, 2012), entre outros. Assim, ao longo de nosso texto, estabeleceremos algumas interlocuções com essas análises para pensar a discursividade da categoria gênero como um dispositivo que, articulado aos dispositivos da Educação Ambiental e da Sustentabilidade, regula a população em busca do desenvolvimento sustentável.

Desde o ano de 1987 o conceito de desenvolvimento sustentável é utilizado com base na divulgação do Relatório Brundtland⁶, intitulado “Nosso futuro comum”, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, fruto de disputas históricas entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental. O relatório buscava medidas de articulação para o combate à crise como um problema da sociedade e estratégias para o equilíbrio ambiental. Para Foucault “a crise é esse fenômeno de disparada circular que só pode ser controlado por um mecanismo superior, natural e superior, que vai freá-la, ou por uma intervenção artificial” (2008, p. 81).

Por esse viés, como um fenômeno, os acontecimentos como aquecimento global, derretimento de geleiras, toneladas de lixo produzidas por nós, são materialidades que

⁶ Em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento chefiada por Gro Harlem Brundtland, primeira-ministra da Noruega apresentou o documento *Nosso Futuro Comum*, mais conhecido como Relatório Brundtland.

vivenciamos cotidianamente. Porém, o que dizemos e fazemos com base nesses acontecimentos é produzido discursivamente; assim, para o autor, é necessário considerar “que as intervenções políticas e econômicas do governo modificaram o curso das coisas [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 30). Em meio a essas intervenções, vemos emergir certos dispositivos de controle e regulação da população para um desenvolvimento que assegure o futuro dessa e das próximas gerações.

Desde que o dispositivo disciplinar e da sexualidade foram problematizados por Foucault, houve uma proliferação de trabalhos para pensarmos os mecanismos de poder que perpassam as relações: dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2001), dispositivo da maternidade (MARCELLO, 2009), dispositivo da infantilidade (CORAZZA, 2002). Nessa perspectiva, temos pensado em suas contribuições para a Educação Ambiental a partir do dispositivo da Sustentabilidade (SAMPAIO, 2012), da Educação Ambiental (GARRÉ, 2015) e, neste estudo, o dispositivo de Gênero (AMIGOT LEACHE; PUJAL I LLOMBART, 2009; VARGAS-MONROY; PUJAL I LLOMBART, 2013) identificado nos programas globais.

Não pretendemos fixar definições normativas acerca do dispositivo, mas, como salienta Abadía (2003), tornar visível a multiplicidade de elementos que remetem ao dispositivo. Nesse sentido, Michel Foucault, ao discorrer sobre dispositivo, destaca o entendimento de ser uma rede de um conjunto heterogêneo de elementos (discursos, leis, instituições, etc.), que possui uma função estratégica concreta na sociedade. Essa função corresponde, para Foucault (1980), a uma urgência histórica. Assim, mais do que definir o que é um dispositivo, nos propomos a refletir com os autores e autoras os efeitos e as condições de possibilidades dos dispositivos que vêm se tornando potentes nos saberes e fazeres ambientais. A que urgência histórica o dispositivo da Sustentabilidade e da Educação Ambiental responde? E o dispositivo de Gênero?

Shaula Sampaio (2012) destaca o caráter recente das discussões sobre o desenvolvimento sustentável – e de sua variante Sustentabilidade – com base nas críticas ambientalistas enraizadas a partir das modificações da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), participando todos os países do globo, direta ou indiretamente. Além disso, destaca a ONU (Organização das Nações Unidas), o Fundo Monetário Internacional e o Banco Interamericano de Desenvolvimento como instituições envolvidas na proliferação de medidas para a melhoria e desenvolvimento dos países no pós-guerra. Nas palavras da autora: “O desenvolvimento foi atrelado indelevelmente ao crescimento econômico a partir

da assunção de que haveria um patamar a ser almejado e alcançado pelas nações consideradas ‘subdesenvolvidas’” (SAMPAIO, 2012, p. 100) [grifo da autora].

Assim, na década de 1960 e 1970 o termo desenvolvimento foi criticado pelos movimentos ambientalistas pelo viés econômico e tecnológico, provocando várias conferências, encontros e tratados. Segundo Michele Sato (2003), ao longo das últimas duas décadas podemos destacar alguns acontecimentos ambientais como as Conferências de Estocolmo e de Tbilisi (originaram as primeiras manifestações de Educação Ambiental); o Relatório Brandt de 1980; a Estratégia Mundial de Conservação de 1980, o Relatório de Brundtland ou “Nosso futuro comum” de 1987, a Agenda 21 em 1992, bem como a Rio 92 e a Rio +20. Esses acontecimentos impulsionaram o conceito de desenvolvimento sustentável presente no documento intitulado “Nosso futuro comum”, entretanto, ainda é alvo de críticas de pesquisadores/as e movimentos ambientalistas que denunciam o viés econômico presente no documento. Para Sampaio “[...] nestes mais de vinte anos de existência, a noção de desenvolvimento sustentável – ou da sua variante ‘sustentabilidade’ – vem se popularizando e se disseminando cada vez mais” (2012, p. 102) [grifo da autora].

“Feche a torneira para escovar os dentes”, “coloque o lixo nas cores indicadas”, “Apague a luz antes de sair de casa”, “plante uma árvore” são alguns exemplos de como o dispositivo da Sustentabilidade opera nos detalhes. O dispositivo, segundo Foucault, é um conjunto heterogêneo, um mecanismo de poder⁷:

[...] ele é absolutamente heterogêneo com relação aos novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam do Estado e seus aparelhos (FOUCAULT, 1980, p. 86).

Por esse viés, o dispositivo configura-se como um mecanismo de normalização e controle para além de governos e instituições, mas, também, interpelando-os. Essa forma de atuação do dispositivo está interligada com a própria constituição da sociedade atual. Ao destacar o termo dispositivo Foucault, em algumas obras como *História da Sexualidade I* (1980) e *Em defesa da Sociedade* (2005), demonstra sua função de regularização e controle da população. Deleuze (2006) irá a partir de Foucault abordar a sociedade de controle que, para além da disciplina própria da sociedade disciplinar, está

⁷ Para Michel Foucault (2002), o Poder de Normalização, instaurado a partir do século XVIII, não é negativo, da ordem da repressão, mas produtivo. Além disso, destaca que esse poder não é conservador, mas inventivo que detém os princípios de transformação e inovação. Um poder que não está ligado ao desconhecimento, pois pode funcionar com uma formação de saber.

centrada nos mecanismos de poder nos corpos dos indivíduos para a produção da sociedade; na sociedade de controle busca-se o corpo social, a população. Deleuze (2005) destaca que Foucault concorda que seremos mais controlados que disciplinados no futuro; isso não significa que a disciplina acabou, mas que ela, muitas vezes, não age sozinha. Para Veiga-Neto o controle não é novo, o que vivenciamos é uma mudança de ênfase. Assim, nas palavras do autor:

Nessas novas sociedades, proliferam vários sistemas de controle interconectáveis cuja existência se manifesta materialmente, para nós, na infinidade e redundância de relatórios, formulários, fichas, senhas de acesso hierarquizadas, cartões, cadastros, *portfolios*, registros (em bancos de dados) e uma infinidade de outros documentos (VEIGA-NETO, 2008, p. 147) [grifo do autor].

Notamos a propagação de técnicas de controle para a produção dessa nova sociedade. Pensando na questão ambiental, quais técnicas de controle estão presentes? Como vimos, o dispositivo da Sustentabilidade opera nos detalhes e perpassa toda a sociedade, do sujeito à população; assim, notamos campanhas publicitárias para a Sustentabilidade, o consumo sustentável, a criação de espaços verdes próprios para a conservação da natureza, projetos e programas com metas e objetivos para a Sustentabilidade do planeta em todas as áreas, incluindo a educação. Nesse sentido, destacamos outra característica do dispositivo: ele nunca opera sozinho.

Os acontecimentos ambientais destacados por Michele Sato provocaram a discussão da possibilidade de um outro modo de existência, e palavras como “sustentável” e “ecológico” passaram a fazer parte do cotidiano da população. Aqui, podemos notar a articulação de diferentes dispositivos, como o da Educação Ambiental (GARRÉ, 2015). Somente somos interpelados por enunciações sustentáveis, pois os discursos sobre a crise ambiental se proliferaram e, segundo a autora, a visão catastrófica do planeta e o medo são disseminados em diferentes instâncias sociais e artefatos culturais⁸. Assim, a emergência do dispositivo da Educação Ambiental possibilitou uma maior produtividade da operação do dispositivo da Sustentabilidade – como vimos, um dispositivo que é articulado a outros dispositivos de seu tempo.

Nesse contexto, somos ensinados e convocados para essa ordem do discurso sustentável para o futuro das gerações. Quem ousaria, na atualidade, não ensinar para seus

⁸ Entendemos artefatos culturais como produções resultadas da cultura - livros, campanhas publicitárias, filmes, jornais, programas de TV e radiofônicos, entre outras.

filhos/as ou na escola a Sustentabilidade? Somos todos/as convocados/as a participar, mas será que todos/as participam da mesma maneira? Nas palavras de Garré,

No dispositivo da EA há uma certa objetivação de sujeitos que se dá através de ensinamentos quanto às condutas e comportamentos adequados em relação às necessidades ambientais. A todo momento, os sujeitos são acionados, acessados nas malhas desse dispositivo, sendo convidados ou convocados a se inserirem num processo de mudança, de transformação de atitudes, que repercutam positivamente a favor da vida do Planeta (2015, p. 42).

Nessa direção, vivemos uma sociedade em que os sujeitos são capturados e subjetivados por diferentes dispositivos para a melhoria do planeta. Para Abadía (2003, p. 13) “hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo”, e nesse processo constituímos subjetividades ecológicas, ou seja, formas ecológicas de estar no mundo (CARVALHO, 2005). Mas por que esses direcionamentos e orientações na vida dos sujeitos? Como vimos, o dispositivo tem uma função estratégica na sociedade; assim, tanto o da Sustentabilidade quanto o dispositivo da Educação Ambiental visam capturar e agenciar sujeitos para melhorar a vida no planeta. O que nos provoca a pensar no dispositivo de Gênero: Que função este desempenha em meio a tantos dispositivos?

Apesar de as questões de gênero e das mulheres não fazerem parte das preocupações de Michel Foucault em sua época, na contemporaneidade, os estudos de gênero e feministas têm-se utilizado de suas ferramentas para suas análises. Assim, dizer que o gênero é um dispositivo de poder significa considerar seu caráter produtor e regulatório da vida social e das subjetividades, conforme alguns/as autores/as (AMIGOT LEACHE; PUJAL I LLOMBART, 2009; VARGAS-MONROY; PUJAL I LLOMBART, 2013).

Entendemos que o conceito de gênero possui uma história⁹ e, assim, nem sempre foi considerado como uma categoria para explicar as relações socialmente construídas sobre homens e mulheres. Entretanto, como um dispositivo vinculado às questões ambientais, identificamos a sua proliferação ao final do século XX, respondendo à

⁹ Para Butler, apesar de cientistas sociais apontarem o gênero como uma dimensão, ele é aplicado “as pessoas reais como uma “marca” da diferença biológica, linguística e/ou cultural” (BUTLER, 2003, p. 28). É um conceito que rejeita o determinismo biológico e, assim, foi forjado em meio às discussões teóricas da segunda onda do movimento feminista como diferente de sexo. A partir do final de 1960 há diferentes formas de compreensão desse conceito, entretanto, a continuidade das abordagens está na problematização do caráter naturalizante das diferenças entre homem e mulher que provocaram desigualdades, discriminações e violências.

urgência histórica de uma sociedade mais justa e equilibrada com base nas manifestações da sociedade civil e movimentos sociais (CASTRO; ABRAMOVAY, 1997).

Relacionamos esta força do dispositivo de Gênero a dois fatores: primeiramente, a própria formação de seu campo de saber; afinal, o que significa adotar uma perspectiva de gênero? Esta abordagem estava ausente das teorias e estudos sobre a categoria gênero desde o século XVIII até o começo do século XX, pois o que se considerava era a oposição masculino/feminino ou como uma “questão feminina” (SCOTT, 1995, p. 85). Outro fator que destacamos é a modificação de uma prática discursiva de desenvolvimento para o desenvolvimento sustentável. Consideramos que esta modificação implicou em uma estratégia de intervenção no combate à crise ambiental que produziu alguns efeitos na sociedade, gerindo a população e o planeta e tornando visível e enunciável o gênero nas políticas ambientais globais.

Assim, considerar o gênero como um dispositivo de poder nos programas ambientais, e não somente como uma categoria teórica e analítica, é entender que ele “opera como problematización de identidades, relaciones e instituciones sociales y discursos, incluso para aquellos que se consideran progresistas” (AMIGOT LEACHE; PUJAL I LLOMBART, 2009, p. 146). Ele mobiliza o que Foucault destaca como um conjunto heterogêneo de elementos. Podemos perceber tais questões tomando, por exemplo, a proliferação de planos estratégicos para a igualdade de gênero PNUD 2014-2017 (2014), UICN 2013-2016 (2012); UNESCO 2014-2021 (2014), Banco Mundial 2016-2021 (2016); Organizações ONU Mulheres, Rede de Mulheres Brasileiras Líderes pela Sustentabilidade; a recente Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, entre outros.

Para Gilles Deleuze (2005, p. 82) o dispositivo é “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente”. Estas linhas variam de direções e podem ser quebradas como, por exemplo, as linhas de fissura que nos provocam a pensar que não somos passivos às capturas dos dispositivos. A fim de compreender a operação de um dispositivo e desenredar suas linhas, Deleuze aponta para a tarefa de criar um mapa ou percorrer terras desconhecidas.

Frente a essa tarefa, o autor destaca as curvas de visibilidade e de enunciação que nos possibilitam ver e falar do dispositivo. Nessa linha de visibilidade ou de luz, o dispositivo pode fazer nascer ou desaparecer um objeto. Segundo Deleuze “[...] se há uma historicidade dos dispositivos, ela é a dos regimes de luz – mas é também a dos regimes de enunciado” (2005, p. 85). Por esse viés, as linhas de enunciação são curvas enunciadas que

distribuem variáveis; por exemplo, os regimes de enunciado determinam o espaço do enunciado e o que pode ser dito em um dado dispositivo. Em seguida, o autor destaca as linhas de forças que “[...] estabelecem o vai e vem do ver e dizer” (p. 85) e que passam por todos os lugares de um dispositivo – uma dimensão do poder.

E, por último, Deleuze destaca as linhas de subjetivação de Foucault, as quais ele identifica como “[...] um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos” (2005, p. 87). Nessas linhas, procuramos saber os efeitos do dispositivo na produção dos sujeitos, bem como quais continuidades e descontinuidades são operadas em grupos e pessoas.

Para Deleuze o dispositivo refere-se àquilo que nos vai tornando; com isso, “pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que precedem chamamos de atualidade do dispositivo, a nossa atualidade” (2005, p. 92). Que sujeitos estamos nos tornando frente a esses múltiplos dispositivos? Que outros mais nos capturam? É a partir dessas indagações que percorremos as terras desconhecidas do dispositivo de Gênero nos programas globais.

Percorrendo terras desconhecidas: o gênero nos programas ambientais

Seguindo as pistas produzidas por Michel Foucault e pesquisadores/as, passamos a percorrer terras desconhecidas, e assim analisar algumas enunciações¹⁰ sobre a operação do dispositivo de gênero nos programas globais, especificamente, UICN e PNUD que produzem algumas verdades. Entretanto, nas palavras de Foucault,

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1990, p. 12).

Pensando a abrangência e o caráter global do programa, não podemos desconsiderar a constituição de verdades produzidas em suas tramas discursivas – que estão implicadas

¹⁰ As enunciações dos programas utilizadas ao longo do texto estão na língua espanhola devido à disponibilização de tradução do documento. Consideramos enunciações a partir do entendimento de Michel Foucault como parte de um campo discursivo. Nas palavras do autor: “Diremos que há enunciação cada vez que um conjunto de signos é emitido” (FOUCAULT, 2008b, p.114). Assim, como um acontecimento que possui uma singularidade procuramos as suas modalidades de existências no tecido documental dos programas.

na produção de políticas, leis, práticas sociais e em nossas formas de estar enquanto sujeitos. Isso significa que os programas não se encontram fora de uma sociedade que vem se constituindo a partir de dispositivos e estratégias de governo da população, os quais fazem funcionar e legitimam determinados discursos como verdadeiros.

Apesar de dialogarem, como veremos a seguir, cada um dos programas possui uma especificidade de atuação. A *International Union for Conservation of Nature* - IUCN ou União Internacional para a Conservação da Natureza – UICN - é a mais antiga organização, fundada em 1948 com a missão de influenciar e apoiar as sociedades na conservação da natureza e no uso equitativo e sustentável dos recursos naturais (UICN, 2000). Essa organização desenvolve ações que visam um mundo justo que valoriza e conserva a natureza. Atuando com a perspectiva de gênero desde 1984, a UICN tem se comprometido com a igualdade e equidade de gênero.

O *United Nations Development Programme* – UNDP ou Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD - ressalta ser fundamental à promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres para a atuação do programa. Para isso, integra as áreas: desenvolvimento sustentável, governação democrática inclusiva e eficaz; e prevenção de resiliência risco (PNUD, 2014a). Com base na perspectiva teórico-metodológica de Michel Foucault e utilizando de suas ferramentas, realizamos uma análise inicial das enunciações presentes nos documentos dos programas ambientais citados.

Considerando estes documentos como monumentos contemporâneos, não procuramos uma verdade única, tampouco decifrá-los. Segundo o autor:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2008b, p. 7).

É na tentativa de procurar as séries e relações dos dispositivos no tecido documental que elegemos, neste momento, os quatro programas da UICN disponibilizados em seu site oficial: de 2001-2004 (2000), 2005-2008 (2004), 2009-2012 (2008), 2013-2016 (2012); e os atuais programas do PNUD de 2014-2017 (2014).

No atual programa da União Internacional de Conservação da Natureza é abordado o gênero como uma questão transversal: “Muchas de las actividades de la UICN ya abordan la gobernanza, los derechos, las prestaciones y el género como temas transversales” (UICN, 2016, p. 15). Entretanto, ao analisar as enunciações que dizem respeito às palavras-chave “gênero”, “mujeres” e “mujer”, identificamos que esta

concepção está ausente nos documentos anteriores. Assim como as palavras “empoderamento” e “diversidade cultural” estão presentes nos documentos de 2009-2012, e “equidade” em 2005-2008. A partir desses deslocamentos, podemos notar o acompanhamento, tanto no âmbito teórico, quanto político, de questões mais aprofundadas das relações entre homens e mulheres. As enunciações deslocaram de uma visão de apenas igualdade “El camino hacia la **igualdad** que han recorrido durante los últimos decenios, y que seguirán recorriendo, es uno de los movimientos sociales más alentadores” (UICN, 2000, p. 125), para uma visão de equidade mais ampla:

Es así que la valoración **equitativa** y explícita de los usos de los recursos naturales por parte de las mujeres y de los hombres, y la mejora de la **equidad** en la distribución de los beneficios resultantes, constituyen un prerrequisito para la conservación de los ecosistemas. Los conservacionistas todavía tienen que adoptar plenamente la cuestión de la equidad de género de una manera amplia (UICN, 2008, p. 19).

Nessa perspectiva, notamos que o foco das ações relacionadas ao gênero no programa aponta para as mulheres, e palavras como “grupos marginalizados”, “vulneráveis” e “desfavorecidos” são utilizadas para se referir aos pobres, mulheres e indígenas. O que torna isso uma verdade? Com base nas enunciações a seguir, identificamos uma produção discursiva que legitima os investimentos e atenções a esses grupos, especialmente as mulheres:

[...] en muchas partes del mundo éstas siguen teniendo un menor acceso a los derechos, a las oportunidades económicas, a la propiedad de recursos y tierras y a los servicios sanitarios y educativos (UICN, 2000, p. 125).

No obstante, la UICN reconoce que de hecho los grupos sociales no son iguales en cuanto a poder e influencia. La conservación ambiental puede requerir medidas positivas en favor de los grupos marginados (las mujeres rurales pobres, los pueblos indígenas) que no tienen acceso a los procesos de toma de decisiones que afectan a sus vidas, o que tienen dificultad para hacer oír sus voces en los diálogos y negociaciones sobre los recursos (UICN, 2004, p. 27).

Las mujeres en algunos países en desarrollo están expuestas a emisiones más altas de partículas debidas a la cocción de alimentos y la limpieza, y por lo tanto tienen el doble de posibilidades que los hombres de sufrir una infección respiratoria aguda (UICN, 2008, p. 16).

Assim, as mulheres rurais e de alguns países são identificadas como um grupo vulnerável devido aos acessos e oportunidades econômicas, recursos, saúde e educação. Além disso, em países em desenvolvimento elas sofrerem, por exemplo, duas vezes mais com infecções respiratórias que os homens na exposição de atividades domésticas. De tal maneira, podemos identificar as linhas de enunciabilidade sobre as mulheres como sujeito

deste dispositivo de Gênero no desenrolar dos fios do tecido documental. Estas linhas falam de um sujeito a quem o programa pretende desenvolver suas ações; mas, além disso, designa o que se torna possível e justificável falar sobre as mulheres (MARCELLO, 2009).

Nessas enunciações também percebemos uma certa universalização da categoria mulher. Enunciando mulheres rurais, pobres e de países em desenvolvimento, se normatiza, exclui algumas mulheres e unifica outras. Ao traçar discussões sobre esta categoria no feminismo, Butler aponta: “a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro das ‘mulheres’” (BUTLER, 2003, p. 35) [grifo da autora] Assim, mais do que colocar no plural o termo “mulher” e mais do que supor apenas que esta categoria seja preenchida por marcadores de raça, classe, geração, etnia e sexualidade; como aponta a autora, é necessário a destituição dessa categoria e sua incompletude. Isto implica considerar que a sua construção se dá em meio às práticas reguladoras do sistema binário de gênero.

Além da desconstrução da categoria mulher, atualmente é problematizada a relação das mulheres com a natureza e o meio ambiente. Se a categoria ‘mulheres’ não pode ser considerada universalizante, tampouco podem as suas relações. Algumas correntes do ecofeminismo abordam as diferenças das mulheres no cuidado com a natureza, e Garcia (1992) realiza uma análise lembrando que a dicotomia entre natureza/cultura já fora criticada por antropólogas sociais, pois ela não é universal e não há uniformidade no significado de natureza, cultura, masculino e feminino. Assim, os significados e noções de natureza e meio ambiente diferem homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres. Por esse viés, é necessário desconstruir o discurso ambientalista-universalista que unifica as relações de diferentes grupos sociais com o ambiente (TOZONI-REIS, 2008).

Michele Sato, ao discorrer sobre as concepções de ambiente, destaca o caráter construído do ambiente que se desenvolve e se modifica com o tempo. Por esse viés, Sato (1997, p. 4) coloca que “[...] é imprescindível que o ambiente seja concebido em sua totalidade, seja em seus aspectos naturais ou culturais, espacial ou temporal, uma vez que os seres humanos são construídos historicamente e ocupam um território geográfico”. Nesse contexto, mulheres e meio ambiente não podem ser naturalizados e homogeneizados.

A ideia de considerar a opressão às mulheres como singular e hegemônica da dominação patriarcal ou masculina já foi criticada por algumas feministas, pois esta forma de teorização produziu uma certa colonização e apropriação das culturas não ocidentais,

como destaca Judith Butler (2003): “[...] para confirmar noções marcadamente ocidentais de opressão, e também por tender a construir um “Terceiro Mundo” ou mesmo um “Oriente” em que a opressão de gênero é sutilmente explicada como sintomática de um barbarismo intrínseco e não ocidental” (p. 21).

Outro fator que identificamos no programa foi o investimento na equidade de gênero como benefício para o meio ambiente:

Los cambios en el equilibrio de género como resultado de la migración selectiva, la guerra o la enfermedad traen consigo una presión adicional para que las mujeres se hagan cargo de las responsabilidades del hogar. Esto puede agravar las condiciones de pobreza, con un impacto aún mayor sobre los recursos naturales (UICN, 2004, p. 18).

El **empoderamiento** de las mujeres mejora su acceso a los recursos, refuerza la toma de decisiones y lleva a que se acumulen beneficios para un mejor manejo del medio ambiente y la reducción de la pobreza en las comunidades (UICN, 2008, p. 19) [grifos do documento].

Diante dessas enunciações podemos notar a importância que é destacada ao gênero para melhorar os impactos sobre os recursos naturais, sobre a gestão do meio ambiente e a redução da pobreza, nos provocando a pensar no dispositivo da Sustentabilidade. Isto é, enquanto o dispositivo de gênero torna possível e justificável a produção de um grupo de mulheres para as ações do programa, o dispositivo da Sustentabilidade é acionado na produção dessas mulheres como sujeitos que modificam e transformam o meio ambiente e a pobreza. Segundo Guimarães (2011, p. 34), neste nosso tempo o dispositivo da Sustentabilidade é “um modo atualizado de ver e de narrar o meio ambiente”. Assim,

[...] poderíamos conjecturar que o dispositivo da sustentabilidade precisa “esverdear” seus sujeitos. Isso significa dizer que ver a sustentabilidade como um dispositivo demanda a produção de um tipo de sujeito disposto a mudar seus hábitos de vida, além de ser sensível aos apelos ligados à promoção da sustentabilidade, pois ser “verde”, hoje, é estar ligado ao seu tempo (SAMPAIO; GUIMARAES, 2012, p. 402) [grifos dos autores].

É preciso “esverdear” as relações das mulheres com o meio ambiente e a natureza para as mudanças e transformações na sociedade, visto que são as principais responsáveis no manejo dos recursos. Podemos notar especificamente na enunciação abaixo:

Con frecuencia, son las mujeres las que sufren más la ‘pobreza energética’ porque son las responsables de la comida, el combustible y el agua (UICN, 2008, p. 32).

O programa da UICN objetiva a conservação da natureza e, assim, o gênero passa a ser um importante aliado para esta conservação. Enunciações de que o empoderamento das

mulheres auxiliaria no melhor manejo dos recursos são comumente destacadas. Mas que relação é esta produzida? A natureza se resumiria aos recursos naturais? O conceito de natureza que conhecemos na contemporaneidade se desenvolve a partir do nascimento da ciência moderna. Um conceito baseado em aspectos físicos e exteriores aos seres humanos como um objeto de investigação e dominação. Entretanto, outros conceitos estiveram implicados e produziram visões de natureza desde a Antiguidade grega. Como aponta Thomas Kesserling (2000), ao realizar uma história do conceito de natureza no Ocidente, fomos produzindo historicamente visões de natureza interpeladas pelos contextos de cada época. Para os gregos, por exemplo, a natureza era vista como um processo circular, o princípio de tudo que surge e desaparece. Na Idade Média temos uma visão de natureza como criação, baseada no Antigo Testamento. Já no período da Idade Moderna desenvolve-se uma visão baseada nas leis naturais pela ciência. Atualmente, Kesserling (2000) destaca outra visão baseada na articulação da natureza com a técnica. Não queremos resumir a discussão proposta pelo autor, mas sim destacar que houve um processo de produção e fabricação da natureza que procuramos conservar na atualidade. Portanto, como aponta Carvalho:

Situações de calma e lentidão, o barulho do mar ou o canto dos pássaros, junto com o perfume das flores ou o odor das plantas úmidas, costumam nos deixar convictos de estarmos diante de coisas naturais, diante da natureza. Mas, essas idealizações e imagens estereotipadas que costumam associar ao natural apenas aparências florestais ou bucólicas, ritmos lentos ou suaves e sons agradáveis, arriscam-se a excluir da natureza um bom número de componentes e de características que igualmente lhe conferem realidade (2013, p. 13).

Assim, o modo como olhamos, interagimos e protegemos a natureza é produzido com base em uma visão historicamente desenvolvida. Precisamos reconhecer essas múltiplas visões e considerar as outras características que conferem a realidade como a produção humana, por exemplo – para além de um antropocentrismo em que os seres humanos encontram-se longe da natureza ou dependentes e, assim, necessitam conservá-la.

No desejo pela conservação dessa natureza, as mulheres nos programas são importantes aliadas na tarefa de melhoria do planeta. Para Guimarães, assistimos uma mudança de configuração do ser humano com as questões ambientais e, aqui, enfatizamos o foco atribuído às mulheres:

Se antes, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, na esteira dos movimentos ecologistas, o humano foi configurado como um intruso no planeta; agora, construído a partir do dispositivo da sustentabilidade, passa a ser instituído como seu mais potente aliado (GUIMARÃES, 2011, p. 35).

Nesse contexto, são produzidos os planos de gênero, a fim de capturá-las e esverdear suas ações e relações. Aqui notamos outro dispositivo de seu tempo, o da Educação Ambiental. É preciso educar as mulheres para manejar de forma sustentável os recursos naturais. Assim, o dispositivo da Sustentabilidade e o dispositivo da Educação Ambiental se apoiam mutuamente, dando a ver dispositivos que auxiliam na fabricação daquilo que somos na atualidade:

O dispositivo da EA, por sua vez, atrela-se fortemente ao dispositivo da sustentabilidade, principalmente quando subjetiva os sujeitos, ensinando-os determinadas práticas e atitudes necessárias na atualidade. Essas posturas geralmente estão relacionadas ao dispositivo da sustentabilidade, pois é necessário que os sujeitos consumam determinados produtos, adquiram determinados hábitos, preocupem-se com ações sustentáveis para viver no Planeta, etc. Como se pode perceber, estes dispositivos parecem funcionar em rede, pois um vai ajudando a moldar, a fabricar o outro. Não há como pensá-los de forma desarticulada, porque eles estão interligados (GARRÊ; HENNING, 2015, p. 63).

É nessa rede de fabricação dos dispositivos que identificamos a sua articulação com o de Gênero. Nessa perspectiva podemos notar a produção de planos para tornar as ações das mulheres mais sustentáveis. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA, juntamente com o Convênio para a Diversidade Biológica, destaca o plano de gênero (2015-2020) reconhecendo a importância do mesmo para a biodiversidade; além disso, ressalta o compromisso assumido nas últimas décadas com esta temática. Podemos citar na última agenda para o desenvolvimento sustentável o 5º objetivo, que se refere à igualdade entre os gêneros e ao empoderamento das mulheres e meninas para os próximos 15 anos. O programa publicou duas edições especiais específicas sobre gênero: “Las, mujeres, la salud y el medio ambiente” (NUESTRO PLANETA, 2004), e “Equidad de género y el medio ambiente” (TUNZA, 2007).

Para o período 2014-2017, o PNUD lançou um plano estratégico específico para a igualdade de gênero, nomeado de “O futuro que queremos: Direitos e empoderamento”, no qual destaca-se que “Existe cada vez más un consenso sobre que la igualdad de género, que se fundamenta em los derechos humanos, es en sí misma un objetivo esencial del desarrollo y es imprescindible para acelerar el desarrollo sostenible en general” (PNUD, 2014b, p. 3). Assim, notamos que suas ações, como a de outros programas, segue os objetivos do milênio e do consenso global sobre o desenvolvimento sustentável, ou seja, a importância da igualdade de gênero nesse processo. Ainda de acordo com o plano: “Con la

participación de las mujeres, es posible lograr éxitos en la erradicación de la pobreza, el fomento de los patrones de consumo y de producción sostenibles y la gestión sostenible de los recursos naturales” (p. 9).

Ao percorrer o documento global 2014-2017 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, percebemos algumas continuidades e descontinuidades das enunciações. Podemos notar pela enunciação abaixo a relação com a pobreza e a falta de acesso e oportunidade em diferentes áreas:

Las mujeres y las niñas siguen constituyendo una proporción elevada de las personas que viven en la pobreza de ingreso y privadas de educación, salud, participación y otras dimensiones del bienestar distintas del ingreso (PNUD, 2014a, p. 3).

O programa trabalha com a concepção de mudar com o mundo apontando para a “erradicação da pobreza e a redução significativa das desigualdades e exclusões” (PNUD, 2014a, p. 11). Com isso, relacionamos algumas diferenças nas ações dos programas com o objetivo que cada um deles possui; por exemplo, a UICN dedica-se à conservação da natureza e o PNUD ao desenvolvimento humano. Assim, palavras como violência de gênero e esfera pública são destacadas especificamente no programa das Nações Unidas. Entretanto, questões relativas à igualdade, equidade e empoderamento, encontradas no programa da UICN também estão presentes no PNUD:

El progreso logrado en estrechar la diferencia de género en cuanto a la educación no ha hecho que se eliminen las desigualdades en los mercados laborales, las normas que excluyen a las mujeres de la esfera pública siguen siendo fuertes en muchos lugares y la violencia de género constituye un problema importante (PNUD, 2014a, p. 3).

Un elemento clave será la asistencia respecto de la reforma constitucional y de procesos electorales democráticos (con incorporación del criterio de ciclo electoral) dirigidos sistemáticamente a factores claves que contribuyan a la exclusión económica, social y política y al desempoderamiento, con particular atención a las oportunidades para la participación efectiva de las mujeres em cuanto electoras, candidatas y dirigentas (PNUD, 2014a, p. 28).

Em outra enunciação observamos o entendimento de que não chegaremos a um desenvolvimento humano sustentável se as mulheres e meninas não puderem contribuir na sociedade:

Reflejar la importancia fundamental de la **igualdad de género y el empoderamiento de la mujer**, en el entendido de que no se logrará plenamente el desarrollo humano sostenible si las mujeres y las niñas no pueden contribuir em su sociedad en un pie de igualdad con los hombres y los niños [...] (PNUD, 2014a, p. 17) [grifos do documento].

Além disso, ao longo desse programa notamos o destaque de alguns exemplos: mulheres e homens trabalhando em uma fábrica para a confecção de vestimentas no Haiti, problematizando os “papéis” tradicionais de gênero; mulheres em situação de liderança na Índia, abordando a necessidade de oportunidades para as lideranças; e a atenção aos jovens no desenvolvimento também é destacada.

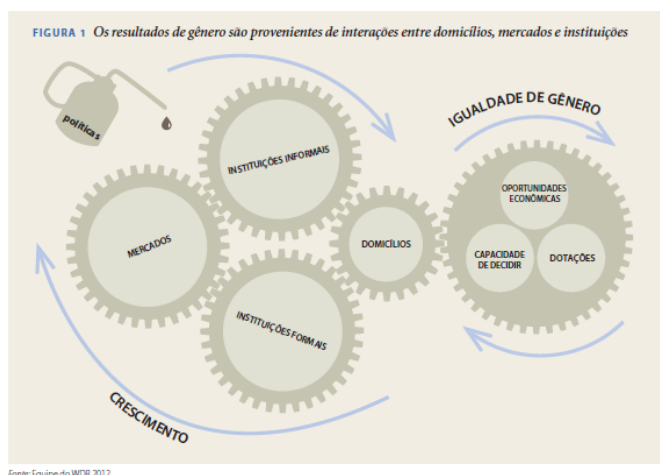
A articulação das mulheres e meninas no programa interliga-se com enunciações produzidas, principalmente, sobre a pobreza que impossibilita um desenvolvimento sustentável. Assim, com vistas a erradicar a pobreza para o desenvolvimento sustentável é que o dispositivo de Gênero é colocado em ação, a fim de visibilizar as mulheres como aliadas desse processo, por suas atividades e responsabilidades na sociedade. Juntamente com este dispositivo, vemos se articular o dispositivo da Sustentabilidade ao capturar e regular as ações das mulheres em situações de pobreza, de forma a esverdeá-las para a melhoria do planeta, considerando que elas são mais afetadas pelas mudanças climáticas, desastres ambientais e as desigualdades. Notamos ao longo das enunciações uma generificação da pobreza, mas, também, uma intersecção com outros marcadores de classe, raça e etnia. De que forma essas enunciações atingiram o caráter de verdade nos programas?

De acordo com a visão geral do relatório do Banco Mundial (2011, p. 3), a igualdade de gênero é um importante instrumento do desenvolvimento, pois é economicamente inteligente aumentar a eficiência econômica e outros resultados, considerando a remoção das barreiras de acesso à educação, a oportunidades econômicas e insumos produtivos, entre outros. Além disso, destaca que a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres são um direito próprio; entretanto, a alocação indevida dos talentos e aptidões das mulheres representa um alto custo econômico, pois “A igualdade de gênero pode ter grandes impactos sobre a produtividade. As mulheres agora representam mais de 40% da mão-de-obra global, 43% da força de trabalho e mais da metade dos estudantes universitários do mundo” (BANCO MUNDIAL, 2011, p. 3).

Notamos as relações de força que se engendram no interior dos dispositivos da Sustentabilidade e de Gênero. Como aponta Sampaio (2012, p. 103), “o dispositivo da sustentabilidade possibilita que o capitalismo transnacional se atualize e se revigore, aliado a conservação ambiental e ao crescimento econômico”. É nesse contexto que o gênero se torna potente, pois todos e todas são capturados/as para uma boa economia. Quanto maior a pobreza e as desigualdades, maiores os desastres e os impactos, por exemplo. Assim,

notamos no esquema do relatório abaixo que o gênero é a engrenagem fundamental para o desenvolvimento (Figura 1). Esta noção passa, assim, a incorporar as ações dos programas globais.

Figura 1: Os resultados de gênero são provenientes de interações entre domicílios, mercados e instituições.



Fonte: GBM, 2011, p. 9

Nesse contexto é lançado o plano estratégico do Banco Mundial “Promovendo a igualdade de gênero para reduzir a pobreza e promover a prosperidade compartilhada”, a fim de maximizar e orientar “o impacto das iniciativas do Grupo Banco Mundial para apoiar resultados mais equitativos entre homens e mulheres [...]” (GBM, 2016, p. 3). Com isso, queremos destacar que a integração do gênero nos programas globais se dá por uma série de acontecimentos e relações de força, que possibilitaram na atualidade traçarmos objetivos específicos para o gênero em uma agenda global. Com base nas enunciações notamos que nesta agenda global o gênero vem enunciando e constituindo as mulheres na gestão do planeta para um melhor desenvolvimento no século XXI. Essa produção discursiva somente é possível pela operação em rede dos dispositivos da Sustentabilidade, Educação Ambiental e de Gênero no tecido documental dos programas.

Por fim... nas provocações dos dispositivos, algumas fissuras

Construamos juntos as verdades da educação ambiental
(GRUN, 1995, p. 182).

É com base na proposta do autor que traçamos algumas considerações no presente ensaio de análise, a fim de construir outras verdades, ou seja, formas outras de fazer pensar

a Educação Ambiental na contemporaneidade. Nossa pretensão é desnaturalizar as relações, práticas e discursos que regulam homens e mulheres e suas formas de ser e estar na sociedade.

Ao evidenciar a rede de dispositivos em operação no tecido documental dos programas, objetivamos mobilizar a reflexão para as diferentes formas de captura e produção dos sujeitos, especialmente as mulheres. Assim, observamos certa forma de enunciar as mulheres e as suas relações com o meio ambiente e a natureza nesta ordem do desenvolvimento sustentável. É nessa trama que os dispositivos capturam e acionam um modo de ser contemporâneo, ou seja, um modo de ser mulher em uma sociedade sustentável.

Apesar de o movimento ambientalista discutir o termo desenvolvimento sustentável desde a sua emergência, ele possui divergências e contradições. O termo para alguns/as autores/as vem sofrendo um desgaste no cenário internacional, pois, “desenvolvimento sustentável é assim apresentado como uma alternativa ao crescimento econômico para salvar o capitalismo em crise de expansão” (TOZONI-REIS, 2008, p. 51). Por conta da ligação entre desenvolvimento sustentável, crescimento econômico e capitalismo é que a autora destaca a necessidade de uma ordem alternativa para a Sustentabilidade ambiental, “uma nova ordem que possibilite uma nova forma dos seres humanos se relacionarem com a natureza [...]” (p. 57). Cabe salientar, uma que não seja determinada pelo crescimento econômico.

Nos programas notamos que, com o dispositivo da Sustentabilidade que propaga as ideias do desenvolvimento sustentável, a relação dos sujeitos torna-se verde, objetivando o esverdeamento em que a relação com a natureza e o meio ambiente é produzida. Assim, este modo de relação fundamenta-se na ideia de um sujeito cognoscente, no qual a relação se estabelece pelos conhecimentos técnicos-científicos como mediadores desta relação não-predatória. “Essa tendência refere-se ao caráter utilitarista da relação dos indivíduos com o ambiente em que vivem: saber (conhecimentos técnicos e científicos) usar, para poder usar mais e sempre, mas sempre usar” (TOZONI-REIS, 2008, p. 29).

Nesse sentido, é preciso problematizar as visões sobre o meio ambiente, natureza e como o dispositivo de Gênero se vincula a essa visão. O que propomos é olhar com desconfiança para as políticas e programas de Sustentabilidade que se utilizam do gênero, mas que continuam a legitimar o lugar das mulheres e dos homens nas sociedades de forma a naturalizar essas posições e suas relações.

Ao percorrer os documentos dos programas, notamos uma forma de enunciar as mulheres como grupos “vulneráveis” ou “marginalizados”. Entretanto, a problemática dessas condições de existência não é visibilizada, isto é, as mulheres são as que estão na linha de pobreza, as responsáveis pelo consumo, pelo uso dos recursos, etc. Mas como se constituíram essas condições? Apontar especialmente para as oportunidades econômicas e o crescimento é tratar as desigualdades “como um desajuste a ser superado pela universalização do desenvolvimento econômico, porém com sustentabilidade” (TOZONI-REIS, 2008, p. 46). De acordo com Mary Castro e Miriam Abramovay (1997, p. 36),

[...] abordar meio ambiente e desenvolvimento sustentável implica fazer referência a fatores relacionados à degradação ambiental dos ecossistemas em geral, por exemplo, o desmatamento, a contaminação da água, do solo e do ar, assim como a superexploração e inadequado manejo dos recursos naturais. Contudo, é um fato conhecido que o discurso da conservação tem sido abordado de uma perspectiva puramente biológica, sem considerar a relação que os homens e as mulheres e suas distintas formas de organização estabelecem com o seu entorno.

Nesse sentido, as relações que homens e mulheres estabelecem com o meio ambiente são desfocadas a partir de uma abordagem conservacionista na problematização do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Além disso, é necessário considerar o que aborda Castro e Abramovay (1997, p. 38), “o conceito de desenvolvimento sustentável, o fim e o conteúdo do desenvolvimento, assinalando a necessidade de buscar novas políticas que contribuam para a mudança das estruturas de desigualdade existentes e o uso sustentável do meio ambiente”. Por esse viés, o desenvolvimento é necessário à desnaturalização desse discurso e a problematização de seus efeitos nas sociedades.

Quando aceitamos a proposta de Mauro Grun de produzir juntos verdades para a Educação Ambiental, entendemos como uma abertura para a construção de outras formas de olhar, pensar e produzir conhecimentos em relação ao ambiente, a natureza e as relações sociais, políticas, culturais e econômicas. É construir uma Educação Ambiental não universalizante e homogênea, que provoque fissuras e o nosso próprio pensamento para o que está instituído como verdadeiro, como aborda Michel Foucault. Ademais, é evidenciar as relações de poder, as formas com que somos capturados pelos dispositivos e seus efeitos nos saberes e fazeres ambientais.

Assim, refletir sobre a operacionalização do dispositivo da Sustentabilidade e da Educação Ambiental na sua articulação com o dispositivo de gênero é problematizar as diferentes formas com que somos constituídos na atualidade. Pretendemos com essa

análise inicial provocar a discussão de que o gênero passa a ser abordado nos programas como um dispositivo de poder que enuncia e regula os sujeitos, especialmente as mulheres, na constituição de uma sociedade sustentável. Não queremos com isso estabelecer dicotomias certo/errado, bom/ruim entre outras, mas provocar a reflexão sobre o que é dito e produzido, e que constituem nossas formas de pensar, agir e se relacionar. Nessa perspectiva, a partir dos dispositivos percebemos a possibilidade de algumas fissuras na forma de entender a Educação Ambiental na contemporaneidade, não apenas como um campo de saber que irá resolver os problemas ambientais, bem como a relação dicotômica, antropocêntrica e utilitarista dos seres humanos com a natureza; mas vemos a necessidade de considerar a Educação Ambiental como um campo que problematiza as diferentes e múltiplas relações da humanidade com a natureza, com o meio ambiente, com questões sociais e econômicas. Com isso, reafirmamos o convite de Mauro Grun e, perguntamos: que outras verdades podem ser construídas na Educação Ambiental?

Referências

- ABADÍA, Óscar Moro. ¿Qué es un dispositivo? **EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, Cantabria, n. 6, p. 29-46, 2003. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:Empiria-2003-7BF2AF98-D511-EFDB-9E25-11CA8A4F40C4/Documento.pdf> Acesso em: 2 jun. 2016.
- AMIGOT LEACHE, Patricia; PUJAL I LLOMBART, Margot. Una lectura del género como dispositivo de poder. **Sociológica**, México, v. 24, n. 70, mayo/ago. 2009, p. 115-152. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/soc/v24n70/v24n70a5.pdf> Acesso em: 20 maio. 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Org.) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, Artmed, 2005. p. 51-63.
- CARVALHO, Marcos B. **O que é Natureza**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e Meio Ambiente**. São Paulo-Brasília: Cortez-Unesco-Unicef, 1997.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Infância & Educação – Era uma Vez... Quer que Conte Outra Vez?** Petrópolis: Vozes, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: Pensar e Fruir a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: curso no collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: curso no Collège de France (1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

GARCIA, Mara Sandra. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 0, n. 0, p. 163-68, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15810/14302> Acesso em: 19 out. 2015.

GARRÉ, Barbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental: modos de constituir-se sujeito na revista Veja**. Tese. (Doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2015.

GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Visibilidades e Enunciabilidades do Dispositivo da Educação Ambiental: A Revista *Veja* em Exame. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 53-74, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/download/1982-5153.2015v8n2p53/29495> Acesso em: 4 jun. 2016.

GBM. GRUPO BANCO MUNDIAL. **Estratégia de gênero para reduzir a pobreza e promover a prosperidade compartilhada. Nota de conceitos. 2016-2021**. Disponível em: https://consultations.worldbank.org/Data/hub/files/consultation-template/update-world-bank-group-gender-strategy-consultations/pt/phases/wbg_gender_strategy_concept_note_por.pdf Acesso em: 21 abr. 2016.

GBM. GRUPO BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2012. Igualdade de gênero e Desenvolvimento. Visão geral. 2011**. The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank 1818 H Street, NW Washington D.C. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTWDR2012/Resources/7778105->

1299699968583/7786210-1315936231894/Overview-Portuguese.pdf Acesso em: 21 abr. 2016.

GRUN, Mauro. A produção discursiva sobre Educação ambiental: Terrorismo, arcaísmo e transcendentalismo. In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995. p.159-184.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 11-26, jan. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/30083/31970> Acesso em: 2 jun. 2016.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Imagens da sustentabilidade em um mundo sem ilhas. In: HENNING, Paula; RIBEIRO, Paula Regina; SCHMIDT, Elisabeth (Org.). **Perspectivas de investigação no campo da educação ambiental & educação em ciências**. Rio Grande: FURG, 2011. p. 31-41.

HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia S. (Org.). **Ecologias interativas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p. 241-253.

KESSERLING, Thomas. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Episteme**, Porto Alegre, n. 11, p.153-172, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.ciencia-arte.com.br/site/index.php/biblioteca-de-artigos/item/154-o-conceito-de-natureza-na-historia-do-pensamento-ocidental> Acesso em: 19 out. 2015.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n. 2, p. 226-241, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/marcello.pdf> Acesso em: 19 out. 2015.

NUESTRO PLANETA. La revista del Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente (PNUMA). **Las, mujeres, la salud y el medio ambiente**. Disponível em: <http://www.unep.org/publications/> Acesso em: 10 mar. 2016.

OLIVEIRA, Moisés Alves de. A construção dos enunciados ambientais no currículo, na perspectiva da vontade de verdade. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 26, p. 71-86, set. 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3798> Acesso em: 02 mar. 2016.

PNUD. **Plan estratégico del PNUD, 2014-2017**. Cambiando com el mundo. 2014a Disponível em: [file:///C:/Users/D%C3%A1rcia/Downloads/UNDP_strategic-plan_SPANISH_v5_web%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/D%C3%A1rcia/Downloads/UNDP_strategic-plan_SPANISH_v5_web%20(2).pdf) Acesso em: 02 nov. 2015.

PNUD. Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. El futuro que queremos: derechos y empoderamiento. **Estrategia de igualdad de género del PNUD 2014-2017**. 2014b. Disponível em:

http://www.undp.org/content/dam/undp/library/gender/GenderEqualityStrategy2014-17_SP.pdf?download Acesso em: 2 nov. 2015.

REIGOTA, Marcos. Educação Ambiental: a emergência de um campo científico. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 499-520, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/2175-795X.2012v30n2p499/23328> Acessos em: 4 jun. 2016.

SAMPAIO, Shaula Máira Vicentini de. **Uma floresta tocada apenas por homens puros... ou o que aprendemos sobre os discursos contemporâneos sobre a Amazônia**. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: UFRGS, 2012.

SAMPAIO, Shaula Máira Vicentini de; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 395-409, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395> Acessos em: 30 abr. 2016.

SATO, Michèle. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima Editora, 2003.

SATO, Michèle. **Educação para o Ambiente Amazônico**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 1997. 245 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A epistemologia da Educação Ambiental: O sujeito natural, o sujeito cognoscente e o sujeito histórico. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 23-64.

TUNZA. La revista del PNUMA para los jóvenes. **Equidad de género y el medio ambiente**. Asuntos de género: por qué son importantes Mujeres que trabajan. 2007. Disponível em: http://www.unep.org/pdf/Tunza_4.4_Spanish_v3.pdf Acesso em: 10 mar. 2016.

UICN. **Programa quadrienal de la uicn 2001-2004**.

Proyecto aprobado por el Consejo de la UICN para su consideración y aprobación por el Congreso Mundial de la Naturaleza Amman, Jordania, 2000. Disponível em: https://cmsdata.iucn.org/downloads/stepping_into_es.pdf Acesso em: 15 nov. 2015.

UICN. **El programa 2005-2008 de la uicn muchas voces, una tierra**. Adoptado em el Congreso Mundial de la Naturaleza Bangkok, Tailandia, 2004. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/WCC-3rd-002-Es.pdf> Acesso em: 15 nov. 2015.

UICN. **Diseñando un futuro sostenible. Programa de la UICN 2009-2012**. Adoptado em el Congreso Mundial de la Naturaleza, Barcelona, España, 2008. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/WCC-4th-006-Es.pdf> Acesso em: 15 nov. 2015.

UICN. **Programa de la UICN 2013-2016**. Adoptado por el Congreso Mundial de la Naturaleza de la UICN, 2012. Disponível em: <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/WCC-5th-003-Es.pdf> Acesso em: 15 nov. 2015.

VARGAS-MONROY, Liliana; PUJAL I LLOMBART, Margot. Gubernamentalidad, dispositivos de género, raza y trabajo: la conducción de la conducta de las mujeres trabajadoras. **Universitas Psychologica**, Colombia, v. 12, n. 4, 1255-1267. Doi: 10.11144/Javeriana.UPSY12-4.gdgt. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/viewFile/6501/5927> Acesso em: 10 mar. 2016.

VIEIRA, Virgínia Tavares; HENNING, Paula Corrêa. A crise ambiental em evidência: análise do discurso foucaultiano – modos de fazer pesquisa em educação. **Revista da Faceba: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, jul./dez. 2013. Disponível em <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/viewFile/764/537> Acesso em: 2 maio. 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da Modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: PERES, E. *et al.* (Org.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 35-58.